



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

GRUPO DE IDOSOS: A ETNOGRAFIA DO CAMPO DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Evaldo Cavalcante Monteiro

Doutorando em Educação-LHEC-UFC

E-mail: evaldo.monteiro@stds.ce.gov.br

Resumo: este artigo é resultado do trabalho de conclusão da disciplina Etnografia da escola da Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. A proposta era que entrássemos em contato com experiência etnográfica tendo por base nossas futuras pesquisas. Neste sentido me voltei para o trabalho de atendimento em grupo para idosos buscando articular o que foi visto na disciplina com o trabalho. Busquei focar a relação do grupo com quem conduz as atividades ali praticadas, me espelhando na relação professor aluno, tomando este campo como educacional, embora seja não formal. Nos nossos achados encontramos a ritos de reforço e de desmanche dos estereótipos de velho.

Palavras-chaves: grupo de idosos, etnografia, educação não formal

Introdução

O presente trabalho emerge da proposta de vivência etnográfica, dita como uma mini etnografia, cujo relato se constitui no trabalho de conclusão de curso da disciplina Etnografia da escola da Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará.

Partimos da ampla concepção do conceito de educação em GOHN (2013) que a conceitua em três modalidades: formal, entendida como bancária, obrigatória e estruturada com conteúdo e carga horária pré-definida; informal, compreendida como educação, saberes e práticas adquiridos na convivência familiar e não formal, educação, saberes e práticas obtidas na convivência comunitária de grupos que podem ter diversas vertentes temáticas.

No aspecto etnográfico tomamos por base MCLAREN (1992) que apresenta os ritos da escola, práticas profissionais que tem um duplo movimento: um de reafirmação da exclusão, ou seja, reafirmando lugares e estereótipos; e outro no sentido inverso, ou seja, negando esses mesmo lugares e estereótipos.

Os achados

O material levantado teve como metodologia a etnografia que consistiu em observação participante junto a um grupo de idosos na cidade de Fortaleza no período de outubro de 2015 a janeiro de 2016. Neste período acompanhamos as reuniões que se davam as segundas e sextas-feiras no turno da tarde. Sendo as segundas-feiras consagradas ao artesanato e as sexta-feira às atividades diversas, entre elas as palestras e bazar. Também realizamos entrevista com as pessoas responsáveis pela



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

condução do grupo um assistente social e uma estagiária da área, uma com cada. O material foi registrado em diário de campo.

Devemos destacar que neste intervalo de tempo houve uma parada entre dezembro e janeiro, além disso, houve duas intervenções nossa, por solicitação da coordenação do grupo, proferimos palestras cujos temas foram apontados por nós e aceitos por ela. Tivemos uma sobre arte mostrando uma trajetória histórica a partir dos estilos artísticos e outra sobre os conceitos de velhices.

Durante o período em que estivemos no campo, assistimos a duas palestras e proferimos outras duas. Todas tiveram o recurso audiovisual do data show com apresentação em Power point. As apresentações foram todas exposições orais a partir do recurso visual. As reagiam de forma diferente, umas idosas tinham bloquinho de notas duas ou três, outras dormiam quando ela acontecia. Na palestra sobre memória os termos empregado pelo expositor eram jargão da saúde. O que nos levou a questionar a apreensão desta por eles.

Cabe-nos aqui destacar que eu próprio quando estive na função de coordenador de grupo de idosos, senti dificuldades para arranjar palestrante. Nós não encontramos com facilidade pessoas dispostas a esse fim. Quando a encontramos nós a seguramos.

Considerando supracitado argumento, devemos afirma que somente hoje na condição de pesquisador pudemos ver outros aspectos deste fato. Primeiro a atividade não passou necessariamente pelo grupo. Ou seja, não foi visto um rol de temas de interesse deles, nem foram consultados previamente sobre o tema. O que encontramos foi o que era relevante para o idoso, a palestra com seu conteúdo, não passou por eles, não houve um planejamento prévio.

Ao considerarmos os ritos da escola de MCLAREN (1992) este é um rito de confirmação da exclusão e da estereotipia. Neste caso de velho, de inútil e de incapaz, inclusive de se cuidar, de saber o que lhe é importante e necessário. O profissional encarregado o grupo se deixou levar pela sedutora posição do saber, eu estudei, eu sei. Outro ponto é o da exposição não acessível a eles também como reforço da exclusão.

Acho importante fazer um contra ponto tendo por base relação entre relação analista e analisando. Peço emprestado o texto de Napoli (2009)

Quando o paciente procura um analista, o que ele espera? **Espera que o analista diga a ele quem ele é e como ele deve se conduzir na vida.** Por quê? Porque o modo como ele vinha se conduzindo acabou por fazê-lo sofrer. Logo, o analista acaba ocupando na cabeça do paciente esse lugar de Outro. É por isso que vocês vão encontrar muitas vezes Lacan dizendo que a transferência está em ação quando o analista é para o paciente um **Sujeito Suposto Saber.** Por que “suposto”? Porque, é óbvio, **o analista não tem**



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

esse saber sobre quem o paciente é e o que ele deve fazer para ser feliz. No entanto, para que a análise aconteça, é necessário que o paciente pense assim por muito tempo. Pra quê? Para que ele continue falando na esperança de que um dia o analista lhe revele o segredo sobre o seu ser até chegar ao momento em que ele vai se dar conta de que, de fato, o analista nada sabe. E mais: **que ninguém sabe!**

Vejam que no contexto terapêutico há uma busca por uma neutralidade, e que esta é desejável. Este lugar que se pensa o saber é um ideário muitas vezes assumido pela educação e prescrito. Mas na própria educação há posições contrárias postulada por FREIRE (1987) e GRAMSCI (1982). O primeiro quando busca as palavras do universo cultural do educando para chegar à alfabetização. O segundo quando afirma como possibilidade o trabalhador orgânico. Não se trata aqui de alfabetizar, de levar em conta o outro, o aprendiz no âmbito da educação não formal. Esta postura ao invés de ser técnico e operacional como no âmbito da terapia, é para educação uma posição política ideológica, para os citados autores.

Mas nem tudo é negativo. Os pontos positivos, o grupo tem autonomia financeira. Há um caixa formado com contribuições mensais e com a realização do bazar. Com este recurso o grupo já viajou para fora do estado, não sendo este um elemento comum a esses grupos. Por outro lado, depende institucionalmente no que tange ao espaço e a cessão do pessoal encarregado da coordenação do grupo.

Outro elemento destacado é que na atividade de artesanato muitas vezes há a colaboração de componentes trazendo sugestões de trabalho, do tipo eu vi tal produção e acho que é possível realizar aqui, ou ainda eu tenho o modelo de tal coisa. A colaboração se dá também ensinando a atividade ao outro. São ações que trazem a valoração do vivido colocando como participe ativo. A produção neste caso tem dois destinos: ou vai com quem produz ou vai para o bazar, reforçando o caixa.

Seja como for num ou noutro argumento citado nos dois últimos parágrafos podemos considerar que há um rito de desfazimento da exclusão e do estereótipo cita por MCLAREN (1992).

Devemos considerar que a realidade é mais complexa com imbricamento de varias vertentes. Para tanto registramos que aproximando a festa natalina esta temática se fez presente, trazida de forma também colaborativa, pelo professor de arte da instituição, a confecção de um pote natalino. Alguém que se dispõe a colaborar com o grupo é sempre bem-vindo.

Ele apresentou um modelo e a partir deste os idosos faziam o seus. Havia a possibilidade e material disponível para criação mais individualizada. Mesmo numa atividade já estruturada havia um espaço de escolha por parte dos participantes.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Natural que a atividade tenha ficado sendo coordenada pelo proponente, a coordenadora efetiva ficou sendo colaboradora, distribuindo o material atendendo os chamados tirando dúvidas.

Mas uma ação protagonizada pelo professor de arte nos impactou consideravelmente. Ao ver um trabalho de uma das idosas ele tomou em suas mãos disse-lhe que não estava bem feito e arrancou o laço que ela havia pregado.

Este ato se constituiu, para nós, num ato de extrema violência. A produção não era dele, mas da idosa. Ele poderia ter argumentado que enquanto para peça de artesanato o acabamento é importante. E ter-lhe mostrado onde poderia melhorar e em seguida perguntar-lhe se ela não julgava pudesse melhorar o que havia feito ou desejaria melhorar a estética da sua produção. Ele estaria dando-lhe a oportunidade e avaliar e decidir. Mas não ele opta por reiterar o estereótipo de velho e a exclusão, reproduzindo o rito de MCLAREN (1992).

Este fato se passou despercebido pelos demais. Apenas nós, que estamos próximo e observando, a idosa e ele, nos damos conta do ocorrido. Ele age naturalmente, não me vê presenciando aquela cena. É justamente esse agir como normalidade que reforça o aspecto do rito, ou seja, como repetição, sem que o protagonista se argua sobre o fato e suas conseqüências para o outro.

Aliás, o outro, no caso o idoso, só confirma aquilo que ele já sabe sobre velhos. Em verdade, o protagonista não se permite avaliar, analisar ou reconsiderar seu saber, seu ponto de vista, acerca do outro.

Em nossos achados outro ponto a ser destacado é a própria relação da coordenação do grupo com os idosos. Chamou-nos a atenção a forma como é tratada pelos idosos, ora chamada pelo nome, ora chamada por mãe seguido do nome.

Qualquer pessoa que veja essa forma de evocação terá um estranhamento. Conosco não foi diferente. Na entrevista que fiz com a mesma não pude deixar de evocar o fato.

Ela tranquilamente respondeu, que avaliava sob dois ângulos um positivo e um negativo. Enquanto positivo, percebia a questão do vínculo e da afetividade e outro negativo, poderia haver uma proteção excessiva. Porém informa-nos que já trabalhou com o grupo essa questão, mas considerou que como não foi superada, uma vez que perdura.

Já enfatizamos que em princípio isso nos causou uma dose de arrepio. Porém quando vamos adentrando a história de praticamente vinte dois anos de convívio com o grupo e seus percalços e superações dá para entendermos.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

O revés é quanto ao apoio institucional, no aspecto o financeiro, o grupo recebia inicialmente recurso financeiro sob a forma de suprimento de fundo que lhe permitia comprar o lanche e fazer as atividades, houve o corte de suprimento de fundo, e esta forma de repasse financeiro ficou suspensa.

Em contra partida perda foi compensada pelo repasse de material e pagamento de instrutoria, houve um período que havia coral. Este forma de apoio financeiro foi também suspensa. Como alternativa estabeleceram um cota mensal e o bazar para arrecadar fundos para as atividades do grupo. Outros reveses atingiram o grupo, a última perda foi a impossibilidade do uso do ônibus institucional para os passeios.

Indagamos se não vi aí uma questão da estruturação do Sistema Único de Assistência Social, uma vez que a Instituição de Longa Permanência para Idosos - ILPI estava na Proteção Social Especial - PSE e o grupo ou Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos está na Proteção Social Básica – PSB. Enquanto PSB, na estruturação do SUAS, esta atividade é estritamente municipal. Porém ela discordou peremptoriamente porque na hora das estatísticas o trabalho é computado, mas na hora do apoio não.

O grupo funciona está funcionando em local bastante precário. Pois a reforma estrutural se arrasta por seis anos. Neste íterim experimentou diversos espaços institucionais. Atualmente funciona num anexo da cozinha, um galpão pequeno que tos freezer da cozinha. Local onde é desenvolvido o artesanato nas segundas-feiras. As palestras, que ocorrem as sextas-feiras, desde que acompanhamos o grupo elas passaram a ser na sala de reunião. Uma sala com ar condicionado, bem diferente da outra. Este espaço era destinado ao encontro das equipes de trabalho. Provavelmente antes se daria no mesmo espaço.

Este grupo como anunciamos, anteriormente, tem o diferencial de auto-sustentação financeira. E também é o único que conheço, institucionalmente, que tem a experiência de viagem interestadual. No período que acompanhamos estava em andamento o planejamento a viagem para a Bahia. Verificamos com se dava a execução desses projetos além da organização financeira, operacionalmente acompanhavam o grupo a coordenadora dele e um técnico de enfermagem para as eventualidades.

Diante de tantos percalços ela nos colocou que em vários momentos questionou com o grupo a sua permanência. Mas o grupo afirma seu desejo de permanência. Em entrevista com a estagiária, ela foi só elogio a técnica. Que a via como realmente comprometida com o trabalho. Não media esforços e que ia além do institucional.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Desta maneira nos foi possível, então, entender a forma de como é tratada pelos idosos. A essa forte vinculação é respondida institucionalmente nomeando-a como citam seu nome, fulana, do grupo de idosos. Este fato se dá no encontro entre o pesquisador, a diretora da casa e a técnica. Ela recusa este rótulo retrucando que é funcionária do abrigo, sou do abrigo. E em maior parte do tempo o é, três dias, esclarece ela a diretora da instituição. Isto me remete o papel do intelectual orgânico de GRAMSCI (1982) comprometido com quem trabalha.

Considerações finais

O trabalho etnográfico revelou-se rico em detalhe e sutilezas que numa primeira experiência talvez não tenha conseguido registrar tudo. Porém satisfez o pesquisador na medida em que pode encontrar no campo o que foi visto na teoria.

Realmente o trabalho institucional é um campo com suas contradições, sendo estas reveladas nas práticas institucionais. Nos atos que se repetem, nos ritos, que revelam ora um valor e trabalham reforçando as exclusões e os estereótipos, ora trabalham no sentido de desfazê-los, realizando uma inclusão.

Certamente que a compreensão dos ritos instruídos no campo da educação, seja ela formal ou não formal, traz uma influência gramscineana, como tomamos aqui o papel do intelectual orgânico, que buscará realizar a inclusão a partir do concomitante desfazimento do estereótipo. Elemento que encontramos e sinalizamos nas observações supra mencionadas.

Bibliografia

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª ec. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1987

GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais a organização da cultura. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 1982

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal e o educador social em projetos sociais *in* VERCELLI, Lígia (Org.). **Educação não formal**: campos de atuação (pedagogia de A a Z; vol.11) /VIRELLI, Lígia (Org.). Jundiaí, Paco Editorial: 2013.

MCLAREN, Peter. 1992. Rituais na escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação. Petrópolis, Vozes.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

NAPOLI, Lucas. O que é transferência? (final) in <https://lucasnapoli.com/tag/sujeito-suposto-saber/> de 13/03/2009 acessado em 08/08/2016 10h30min

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador**: escola, resistência e reprodução social. Traduzido por Tomaz Tadeu da Silva e Deise Batista- Porto Alegre: Artes Médica, 1991.